

TÚMULOS, ESPAÇOS DE TOPOFILIA COLETIVA

Marcia Regina de Oliveira Lupion
PPH-UEM
mrolupion2@gmail.com

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar os gestuais realizados pelos visitantes do túmulo do padre Bernardo Cnudde, o segundo mais visitado do cemitério municipal de Maringá, no Paraná. A análise será realizada considerando os pressupostos presentes nas obras de David Le Breton e Michel de Certeau, estudiosos que consideram os gestos humanos como uma forma de comunicação cujo léxico é compreendido por integrantes de um mesmo grupo de pertencimento. Submetida a corrente historiográfica que tem nas sensibilidades seu campo de investigação, essa análise pretende discorrer sobre a forma como os visitantes operacionalizam sua relação com o padre por meio de suas ações junto túmulo considerando que tais ações remetem àquele espaço um sentido topofílico ou seja, um local no qual foi sendo criado um elo de afeto entre a pessoa e lugar, onde simpatizantes e ex-paroquianos podem se comunicar com aquele que foi seu conhecido, seu tutor, seu confessor, seu benzedor, e com o qual puderam contar em momentos de alegria e de aflição. A abordagem foi feita a partir do trabalho de campo realizado nas dependências do cemitério em dias de finados quando o afluxo de pessoas ao túmulo é mais intenso e expressivo e, uma vez junto ao túmulo, o que se viu foram pessoas adultas, na faixa etária dos sessenta anos ou mais, em posturas gestuais de contrição como as mãos sobre o peito, a cabeça baixa e mesmo ajoelhadas. Em todos os sentidos, desejo contribuir para ampliar os estudos históricos voltados para as sensibilidades e para a forma como memória das cidades e dos cidadãos pode ser acionada considerando-se elementos ocorridos no espaço cemiterial, local de afetos por excelência dentro da malha urbana. Acredito que com esse tipo de abordagem seja possível contribuir para o futuro da educação, sobretudo a histórica, na medida em que permite verificar que, mesmo num mundo em que os interesses materiais racionalizados com vistas ao individualismo parecem se impor, os estudos históricos pautados sobre locais de afeto conhecidos dos habitantes podem levar a uma maior identificação entre os cidadãos, a história de suas cidades e suas próprias formas de manifestar afetividades em relação ao outro e também aos espaços citadinos.

Palavras-Chave: Topofilia. Cemitério. Educação Histórica. Cidades. Sensibilidades.

BERNARDO ABEL ALPHONSE CNUDDÉ

Nesta comunicação apresentarei as manifestações ocorridas junto ao túmulo de Bernardo Cnudde como ações que remetem àquele equipamento cemiterial um sentido topofílico, ou seja, de que entre o indivíduo e espaço físico criou-se um tipo especial de afeto que pode ser verificado por meio tanto dos objetos deixados sobre o túmulo quanto das posturas gestuais realizadas ao seu redor.

A meu ver as manifestações ocorridas junto à sepultura de Bernardo transcendem a mera visita a um ente querido e revelam, dentre outras emoções como saudade e agradecimento, uma afetividade marcada pela confiança de que o padre, mesmo após sua morte, continua a realizar bençãos aos que buscam sua ajuda. Esse olhar sobre a forma como os visitantes reagem quando estão junto ao túmulo e o próprio fato de realizarem a visita muitas vezes trazendo presentes ao falecido se inscreve nos estudos que tem nos temas sensíveis seu objeto de estudo. Busco, portanto, traduzir as manifestações dos visitantes do túmulo de Bernardo como experiências humanas que revelam a relação com o ausente uma vez que,

As sensibilidades se apresentam, portanto, como operações imaginárias de sentido e de representação do mundo, que conseguem tornar presente uma ausência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido. O sentimento faz perdurar a sensação e reproduz esta interação com a realidade. A força da imaginação, em sua capacidade tanto mimética como criativa, está presente no processo de tradução da experiência humana (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Assim sendo, e para os fins desse artigo, o túmulo do padre é compreendido como um espaço liminar e topofílico no sentido proposto por Yu Fu Tuan (1980), isto é, um local em que o visitante por meio do gesto, da oração e de objetos, cria um léxico no qual a comunicação com o padre é estabelecida uma vez que ambos, visitante e sacerdote, comungam da mesma linguagem gestual, ritual e simbólica como sugerem os trabalhos de Le Breton (1999) e Certeau (2006; 2014).

Além disso, o artigo pretende inserir os estudos cemiteriais na agenda da educação escolar básica como espaços ricos para a investigação histórica de municípios. Sendo um local de fácil acesso os cemitérios permitem estudar facetas da história das cidades nem sempre exploradas pelos memorialistas cujo foco privilegia o protagonismo dos pioneiros, sobretudo dos pioneiros abastados e detentores do poder político. Afinal, no cemitério é possível verificar a existência de espaços reservados para os diferentes agentes sociais municipais demonstrando que a exclusão social transcende a experiência vivida. Mas, permite também visualizar como os indivíduos, sós ou coletivamente, escolhem aqueles a quem decidem dedicar tanto seu tempo de visita quanto suas formas de manifestação de afeto material e imaterial, ou seja, por meio de objetos concretos ou de orações e gestos simbólicos.

Nesse sentido, a visitação/estudo cemiterial transcende a noção de espaço de enterramento dos falecidos e insere a morte e o pós-morte em conjuntos significativos mais amplos e nos quais o afeto, algo pertencente à dimensão do imaterial, torna-se referencial para estudos históricos e culturais. Como a Educação Histórica, alicerçada nos pressupostos de Jörn Rüsen, propõe que os estudos históricos devem orientar o agir humano no tempo de forma que se adquira a autoconsciência histórica (RÜSEN, 2011, p. 25), acreditamos que os estudos cemiteriais possam colaborar nesse sentido, ou seja, levando o aluno-cidadão a conhecer seu lugar social considerando a história de sua cidade dentre outras prerrogativas.

Para demonstrar essa proposição, em primeiro lugar apresentarei uma breve biografia do padre que permitirá um olhar panorâmico sobre aquele que é o personagem maior desse trabalho. Num segundo momento serão apresentadas imagens coletadas no cemitério onde o padre foi enterrado com o objetivo de exemplificar as formas como os visitantes do túmulo manifestam seu afeto pelo falecido. Com essa narrativa acredito ser possível fundamentar a assertiva presente nesse artigo acerca do fato de que o túmulo de Bernardo pode ser compreendido como um espaço de Topofilia coletiva.

BERNARDO, PADRE, MONSENHOR E DIZEM, CURADOR

Na terça-feira 21 de novembro do ano 2000 grande parte da comunidade católica da cidade de Maringá, no Paraná, amanheceu enlutada. No dia anterior morrera Bernardo, pároco da Igreja Divino Espírito Santo, conhecido por sua religiosidade peculiar expressa por meio da promoção de curas, intercessão por graças e realização de exorcismos a um vasto e diversificado público que extrapolava os limites de sua paróquia alcançando inclusive países vizinhos. Durante as mais de três décadas em que atuou na hoje arquidiocese de Maringá, sua prática religiosa e acolhida singular tornaram sua agenda de atendimentos cada vez mais concorrida o que para alguns de seus pares teria contribuído para sua morte prematura enquanto que para a comunidade leiga essa característica o tornava um padre diferente dentro da cúria maringaense.

Mas, quem foi Bernardo cuja morte gerou um sentimento de comoção em grande parte da comunidade católica e de simpatizantes do padre? A memória local captada por meio da construção de fontes orais assim como a documentação institucional revelam um Bernardo atento às suas atribuições como sacerdote assim como seu apreço pela pescaria, pelo fumo, pela

cerveja e por cozinhar. Aliás, era exatamente isso que Bernardo fazia quando sofreu o infarto que lhe tirou a vida, isto é, cozinhou para a família que foi adotada por ele em seus primeiros anos no Brasil pois, como muitos outros sacerdotes que se estabeleceram no país, Bernardo era europeu e foi somente no ano de 1986 que tornou-se cidadão brasileiro.

Francês de nascimento e ainda recém-ordenado o padre chegou ao Brasil lá pelos idos de 1966¹ a convite do bispo da diocese de Maringá, Dom Jaime Luiz Coelho. Ainda no Seminário de Saint Jacques na França, onde foi ordenado, Bernardo e outros foram convidados pelo bispo a vir atuar no Brasil mais especificamente na diocese de Maringá tendo em vista o constante déficit de padres com o qual Dom Jaime estava sempre às voltas. Após a ordenação em 11 de julho de 1966 decidiu o jovem padre que dedicaria seu sacerdócio aos brasileiros e, abandonando planos de trabalhar junto aos haitianos, se dirige ao Brasil donde nunca mais iria embora (ACERVO DA CÚRIA..., 2018).

Ao todo, foram trinta e três anos vivendo e atuando em terras brasileiras o que é mais do que já havia vivido na França uma vez que quando chegou a Maringá o padre estava com 28 anos de idade. Em 1980 foi instituído monsenhor, em 1986 naturalizou-se brasileiro como visto acima e, em 04 de setembro de 1998 recebe o título de Cidadão Benemérito maringaense (ACERVO DA CÚRIA..., 2018).

Nas mais de três décadas em que viveu e atuou na diocese de Maringá, no norte paranaense, o monsenhor tornou-se uma celebridade conhecida para além de paróquia Divino Espírito Santo onde foi o único pároco até o ano 2000 quando faleceu de um infarto fulminante. Pessoas do Chile, Argentina, Uruguai e Paraguai além de outros estados brasileiros costumavam se deslocar até Maringá para serem atendidas pelo padre que curava. Falecido a pouco mais de dezoito anos, seu túmulo, além de local de celebrações realizadas pelo grupo carismático Filhos de São, é atualmente o segundo mais visitado do cemitério municipal, local escolhido por ele para ser enterrado pois desejava estar acessível à população ao invés de ser sepultado no

¹ Há divergências entre as datas de chegada de Bernardo ao Brasil. Em discurso proferido pelo padre no dia de sua nomeação como Vigário Episcopal do Vicariato de Maringá, cujo título recebido é o de monsenhor em 11 de dezembro de 1980 (ACMM, 2018), o padre afirma ter chegado ao país em 1966 enquanto que em crônica publicada após a morte de Bernardo a Revista Maringá Missão (2000) informa que o mesmo teria chegado ao Brasil em 1967. Dado o fato de Bernardo ser o autor do discurso optei por utilizar o ano de 1966 informado por ele por ocasião de sua posse para relacionar a data de sua chegada ao Brasil e o ano de 1967 como a data de sua chegada a Maringá.

cemitério localizado no Centro de Religiosidade Rainha da Paz² onde comumente são enterrados os padres, os religiosos e as religiosas que falecem na cidade.

Mas, naquele 21 de novembro ao som das badaladas do sino da paróquia presidida por Bernardo, a notícia de sua morte é confirmada de forma extensiva. Diversos entrevistados frisam que estiveram em casa do padre assim que este foi acometido pelo mal súbito que o levou a óbito às dezessete horas e quinze minutos do dia vinte de novembro de 2000. Os motivos da morte do padre de 61 anos descritos no o atestado de óbito na data de 23 de janeiro de 2001, foram arritmia ventricular, infarto do miocárdio e tabagismo (ACERVO DA PARÓQUIA..., 2018).

Questionados sobre como se sentiram quando souberam da morte do monsenhor, muitos entrevistados expressaram terem se sentido abandonados e desamparados diante do fato, pois, tinham no padre mais que um sacerdote que ministrava os sacramentos e comandava a economia religiosa de sua paróquia. Para muitos, Bernardo era tido como um pai e um conselheiro com o qual podiam contar em horas de alegria, tristeza ou insegurança. Afinal, o padre mantinha uma agenda na qual o atendimento à população, quer seja de paroquianos, simpatizantes ou mesmo de pessoas de outras religiões era a prioridade. Dessa forma, ao morrer o padre deixou um legado de afeto e de curiosidade que podem ser creditados à sua peculiar prática religiosa e a um carisma pessoal que levava os que o conheciam a sentir-se atraídos por ele. Ambas as características do padre que curava, ou seja, a religiosidade peculiar e o carisma são dois motivos que permitem compreender o nível da comoção e o número de visitantes que estiveram presentes ao seu velório e enterro no dia vinte de novembro do ano 2000.

Sendo a comoção uma emoção que pode expressar tanto um choque, uma revolta, um abalo, uma surpresa ou um susto, é certo acreditar que muitos que conheceram Bernardo manifestaram qualquer um destes sentimentos ou mais de um ou todos eles quando souberam do seu

² O Centro de Espiritualidade Rainha da Paz é administrado pela Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria. A Congregação foi fundada em 25 de março de 1920 pelo Arcebispo Dom Wilhelm Berning, bispo de Osnabrück, Alemanha e iniciou suas atividades no Brasil no dia 12 de julho de 1956 com a chegada de seis religiosas a convite dos padres Jesuítas que trabalhavam na Paróquia São José Operário, em Maringá, no Estado do Paraná. “Portanto, as Irmãs fixaram residência na Paróquia São José Operário, tendo como objetivo principal o trabalho Pastoral Paroquial, Enfermagem e Educação. Com o passar do tempo, veio a necessidade de se expandir para outras regiões do Brasil e do Paraguai. Hoje estamos presentes na Alemanha, Suécia, Brasil e Paraguai”. CERP. Disponível em: <<http://pbmm.com.br/cerp>> . Acesso em: 03 jul. 2019.

falecimento. Sem falar nos que se sentiram desesperados e desamparados diante da perda de seu confessor, orientador espiritual e pessoal. O fato de o túmulo ser o segundo mais visitado do cemitério municipal expressa ainda hoje a intensidade dessa comoção uma vez que a ida até a sepultura muitas vezes representa a possibilidade de estar novamente em presença do padre e com ele conversar em voz alta, em oração, ou apenas em silêncio reverente.

MANIFESTAÇÕES JUNTO AO TÚMULO DE BERNARDO

A prática de significar locais como sagrados remonta aos primórdios da vida humana como registrado em inscrições gráficas presentes em cavernas ocupadas pelos *Homo erectus*, o que nos leva a compreender essas ações como companheiras da nossa história desde que se tem registro dela como demonstrou Mircea Eliade (1976). Nessa perspectiva, é possível considerar que os seres humanos têm buscado ao longo de suas experiências no mundo diferentes formas de manter relações ou experienciar o intangível por meio de imagens, locais naturais ou artificiais, danças, meditações, audição de determinados sons, orações, objetos, enfim, a partir de suportes diversos inscritos ou não na materialidade.

Considerando esse elo, nesse artigo discute-se o túmulo como um espaço de Topofilia no qual, em rituais particulares e ao mesmo tempo de identificação e comunicação entre determinados grupos, os visitantes do túmulo de Bernardo buscam entrar em contato com o ente querido do qual foram separados pela morte do corpo, mas, não do afeto vivido.

Nesse sentido, o túmulo enquanto espaço topofílico suscita a realização de gestuais específicos e de recepção de objetos cujo objetivo é transcender o mundo vivido e, ao menos por alguns instantes, retomar a ligação com aquele que, embora morto, vive noutra dimensão cujo acesso pode ser permitido por meio exatamente de gestos, orações e objetos de conhecimento mútuo. No caso de Bernardo, as manifestações ocorridas junto ao seu túmulo refletem as diversas formas de demonstração de afetos como se pode ver nas imagens a seguir.

Figura 1: Manifestações dos vivos no túmulo de Bernardo Cnudde I.



Fonte: Decomposição elaborada por Marcia Regina de Oliveira Lupion, 2018.

Na imagem acima, ao centro temos o túmulo do monsenhor cuja estética em nada contribui para diferenciá-lo dos demais. No entanto, para os que o conheceram, para os que buscam conhecer seu túmulo ou ainda, para alguns que afortunadamente passam pela sepultura e reconhecem o falecido, a ausência de atrativos não diminui a reverência atribuída a Bernardo. Ao redor da imagem central, foram ampliadas as imagens dos objetos que são comumente deixados ao redor e sobre a lápide. É comum também encontrar bilhetes deixados no local, mas, dado o nível de deterioração em que são encontrados devido às intempéries tem sido impossível decifrar os dizeres presentes nesses rascunhos.

Ainda na decomposição da imagem destaca-se a mensagem em bronze sobre a lápide na qual é solicitado que não sejam colocadas velas sobre a tumba. Tal orientação é seguida à risca pelos visitantes que depositam suas velas nas laterais do túmulo e, na ausência de impedimentos em relação ao depósito de outros objetos, grassam sobre a tumba rosários, vasos com flores naturais e artificiais, moedas, os já citados bilhetes e, numa ocasião, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida³.

³ Importante registrar que esses objetos, quando deteriorados, são retirados do túmulo pela administração do cemitério como processo de manutenção e limpeza do equipamento. Numa ocasião específica, no entanto, o

Já a segunda figura objetiva mostrar a quantidade de velas depositadas junto ao túmulo em dia de finados e a visitação de um grupo de senhoras ao monsenhor. O rastro de cera que vai até a guia dá um destaque ao túmulo em relação aos demais assim como as marcas de fumaça que recobrem a lateral da lápide, fato verificado somente em outro túmulo, o do menino Clodimar Lô, morto injustamente em 1967 por policiais locais, caso de repercussão nacional⁴.

Figura 2: Manifestações dos vivos no túmulo de Bernardo Cnudde 2.



Fonte: LUPION, 2018.

O ato de deixar objetos junto ao túmulo e sobre ele foi pensado a partir dos conceitos de *táticas* e *estratégias* de Michel de Certeau (2014). Se por um lado o conceito de *tática* denuncia que existe uma rede de vigilância que objetiva disciplinar os grupos sociais por meio de *estratégias*, por outro há os consumidores dessas estratégias disciplinares que nem sempre se adequam às imposições. Essa não adequação foi denominada por Certeau como *táticas* e descrita como procedimentos minúsculos, cotidianos, constantemente atualizados sempre em busca de possibilidades de ganho por parte dos consumidores (Certeau, 2014, p. 40).

túmulo foi tomado pelo fogo e, à exceção da imagem de Nossa Senhora que foi colocada posteriormente, os demais objetos presentes na imagem 1 foram totalmente queimados. O fato ocorreu no final de janeiro de 2018, no entanto, a tumba voltou a ser decorada rapidamente por visitantes anônimos como constatado em trabalho de campo realizado na época.

⁴ O ocorrido com o adolescente Clodimar Pedrosa Lô pode ser melhor conhecido a partir das obras de DINIZ, Eliel. **Lô**. São Paulo: Ed. Dutra & Xavier Ltda, 1983 e SILVA, Miguel Fernando Perez. **Sala dos suplícios: o dossiê do caso Clodimar Pedrosa Lô**. 2. ed. Maringá: Clichetec, 2017.

Nessa perspectiva, o ato de depositar objetos no túmulo foi inserido na categoria de táticas pois são ações que representam momentos em que o público consumidor, isto é, os visitantes do túmulo forjam seu querer frente às instituições como a própria Igreja Católica que nunca se pronunciou publicamente acerca de Bernardo e do fato de serem creditadas a ele curas diversas e também junto a administração do cemitério.

Além das manifestações concretas citadas, tem-se também as gestuais verificadas sobretudo em dias de finados. A figura 3 é representativa de uma forma comum de contato entre o visitante e o padre que é o toque de uma das mãos na fotografia do falecido enquanto a outra permanece junto ao coração do visitante. Em trabalhos de campo realizados no cemitério foi possível observar inclusive pessoas ajoelhadas junto ao túmulo num gesto extremo de reverência, consideração e confiança depositados.

Figura 3: Manifestações dos vivos no túmulo de Bernardo Cnudde 3.



Fonte: LUPION, 2018.

Em geral, os visitantes costumam fazer o sinal da cruz ao chegar e ao deixar o túmulo. Muitos murmuram orações e levantam os braços e, quando interpelados, contam suas experiências com

o padre sempre lembrando “como ele era bom” e como sua presença e palavra amiga “fazem falta”. Não raras vezes contam casos de cura atribuídos ao padre ocorridos com familiares ou pessoas próximas. Outros simplesmente ouviram dizer que ele curava. Alguns mais ousados relatam casos envolvendo o padre, curas e exorcismos, mas, são revelações sempre ditas em voz baixa, a título de segredo. Há casos em que o visitante admite buscar o padre em momentos de aflição não somente em presença do túmulo, e, em sua maioria, os visitantes lembram da atuação maciça e altamente carismática do padre no atendimento aos que o procuravam.

Os gestuais realizados junto ao túmulo foram compreendidos a partir dos conceitos de orações enquanto rituais de orientação religiosa de Certeau (2006) e de orientações culturais de David Le Breton pois, entendemos o ato de orar junto a lápide uma das formas encontradas pelos indivíduos para se relacionarem com o sagrado e com as instituições. Certeau contribui para essa proposição quando aborda a questão do homem e suas formas de crer pensando especificamente a oração enquanto produtora de um espaço sagrado e de um gestual específico e comunicador. Segundo o autor, a “oración organiza tales espacios com los gestos que dan sus dimensiones a un lugar y una ‘orientación’ religiosa al hombre” (CERTEAU, 2006, p. 33) e, dentro desses espaços os gestos que acompanham as orações servem como linguagens ou como orientadores que comunicam o sentimento de pertença ou de distinção a um determinado grupo. Essa abordagem certeuniana colaborou para a compreensão dos gestos realizados pelos visitantes do túmulo uma vez que tais ações foram tidas como representações do ele entre visitantes e o padre uma vez que o conjunto de gestuais utilizados era de conhecimento comum entre as partes.

Le Breton ratifica essa proposição quando ao afirmar que o rol de gestuais ou determinadas posturas utilizados durante a fala cumprem a função de simbolizar e significar o que está sendo dito:

Las mímicas, los gestos, las posturas, lá distancia con el outro, lá manera de tocarlo o evitarlo al hablarle, las miradas, son las materias de un language escrito en el espacio y el tempo, y remiten a un ordem de significaciones. [...] Aunque la palabra calle, los movimientos del rostro y el cuerpo se mantienen y testimonian significaciones inherentes al cara a cara o a lá situación (LE BRETON, 1980, p. 39).

Considera ele que além dos elementos significativos acerca da linguagem dos gestos a simbologia corporal é também capaz de traduzir o parentesco singular existente entre pessoas

de um mesmo grupo e, nesse sentido, os gestos representam orientações culturais e sociais de determinados indivíduos em determinados espaços e temporalidades (Le Breton, 1980, p. 39).

Antropologicamente, os gestos são analisados como “una figura de lá acción, no um simple acompañamiento decorativo del habla” (LE BRETON, 1999, p. 38). Assim compreendido, o rol de gestuais são considerados como representativos dos códigos culturais e das temporalidades em que estão inseridos e, nesse sentido, a conclusão de Le Breton pode ser comparada a de Michel de Certeau no que diz respeito ao fato de que as orações e gestos contritos passam a ser uma forma de linguagem compreendida tanto pelos vivos quanto pelo falecido pois ambos vivenciaram os mesmos códigos da religiosidade católica com os quais geralmente podem ser identificados os gestuais.

As imagens expostas certamente dão margem para muitas abstrações, contudo, o espaço deste artigo não nos permite explorá-las. Entretanto, para os fins aqui pretendidos as breves considerações tecidas demonstram de forma objetiva as manifestações coletivas junto ao túmulo de Bernardo Cnudde e nos permitem problematizá-las no sentido de compreendê-las como elementos que remetem ao local a característica de ser um espaço de Topofilia.

TÚMULOS, ESPAÇOS DE TOPOFILIA COLETIVA

Para pensar os túmulos enquanto espaços de Topofilia coletiva foi necessário dialogar com diversos autores, correntes historiográficas e pensadores de áreas como a antropologia e geografia por exemplo. O geógrafo Yi-Fu Tuan cooperou com o debate ao inserir o conceito de Topofilia ao elo que as pessoas estabelecem entre locais ou ambientes físicos (TUAN, 1980, p. 05) para a compreensão da vivência dos indivíduos com seus espaços físicos de convívio sejam eles sagrados ou não. A relação gerada pelo elo decorrente do espaço-afeto é o elemento sensível que permitiu pensar o túmulo de Bernardo como um espaço topofílico.

Conclui-se portanto, que a forma como os visitantes do túmulo se comportam considerando gestual e objetos-presentes por eles levados e deixados no jazigo, são consideradas táticas utilizadas pelos mesmos tanto para se comunicar com o padre quanto para demarcar seu próprio domínio sobre a forma como desejam manifestar essa comunicação independente da instituição católica ou das normas da administração pública responsável pelo cemitério. Sabedores de que para a Igreja Católica local o padre é somente mais um dentre tantos outros, seus admiradores

encontraram formas de reverenciar aquele que teria sido muito mais do que um padre submetido incondicionalmente às normas do catolicismo.

Diante do exposto é que as ações realizadas pelos visitantes do túmulo de Bernardo foram concebidas como atos nos quais os vivos reencontram com o morto que já não é mais falecido e sim vivente de outra dimensão cujo encontro torna-se possível por meio do conjunto composto por objetos, orações e simbologia corporal realizados quando frente ao que agora pode ser chamado de túmulo topofílico, ou seja, um limiar ou um portal no qual o acesso se dá por meio da linguagem compartilhada entre as partes. As táticas criadas pelos vivos para manterem contato com seu ente querido portanto, não demarcam somente no sentido de recordá-lo, mas, de evocar seus poderes de cura e interseção por graças quando sentem a necessidade desse expediente. Por esse motivo é que as manifestações dos vivos no túmulo de Bernardo Cnudde nos permitem pensar o túmulo como um local de afeto e, portanto, como espaço de Topofilia coletiva.

REFERÊNCIAS

ACERVOS

Acervo da Cúria Metropolitana de Maringá, 2018.

Acervo da Paróquia Divino Espírito Santo, 2018.

CERTEAU, Michel de. El hombre em oración, “esse árbol de gestos”. In: _____. **La debilidad de creer**. Buenos Aires: Katz, 2006. p. 33-44.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998. vol. 1.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas: da idade da pedra aos mistérios dos Elêusis**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GRUPO FILHOS DE SIÃO. Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/filhosdesiao/photos/?ref=page_internal. Acesso em 10 jul. 2019.

LE BRETON, David. Cuerpo e comunicacón. In: _____. **Las paciones ordinárias: antropologia de las emociones**. Buenos Aires: Edicione Nueva visión, 1999. p. 37-102.

LUPION, Marcia Regina de Oliveira. **Manifestações dos vivos no túmulo de Bernardo Cnudde 2**. 2018. 01 fotografia digital. 4032 x 3024 pixels. Color.

LUPION, Marcia Regina de Oliveira. **Manifestações dos vivos no túmulo de Bernardo Cnudde 3**. 2018. 01 fotografia digital. 3024 x 4032 pixels. Color.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy.; LANGUE, Frederique. (Orgs.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 14.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: SCHIMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. de R. **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011. p. 23-49.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.